

Déficit deve ficar entre 3% e 4% do PIB

Freio no consumo reduzirá importações e diminuirá o buraco nas contas externas

Germana Costa Moura

• O brasileiro tem alergia a recessão mas, por incrível que pareça, ela tem um lado bom: trata-se do remédio amargo que finalmente vai ajudar o país a diminuir o buraco das contas externas que, desde o início do Real, só fazia aumentar. E é exatamente o que vai acontecer no ano que vem após a alta dos impostos anunciada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Pela projeção de economistas como Carlos Langoni, Estevão Kopschitz e Carlos Thadeu, o déficit em conta corrente deve ficar entre 3% e 4% do PIB, contra os 4,5% esperados para 1997.

— Parece uma queda pequena, mas é importantíssima porque projeta uma reversão de tendência — explica Carlos Thadeu, que é professor do Ibme e ex-diretor do Banco Central. — Desde o começo do plano, com a valorização do real frente ao dólar, o buraco só aumentou. Agora, a queda vai sinalizar que o país tem condições de voltar para uma situação de equilíbrio. Os investidores estrangeiros precisavam disso para continuar confiando no Brasil — acrescenta.

Na opinião do economista Roberto Montesano, colega de Thadeu no Ibme, o Governo apostava que poderia sustentar o déficit por mais um ano ou dois. Esse é o prazo necessário para todas as empresas que decidiram se instalar aqui começarem a exportar. Mas a queda nas bolsas atingiu em cheio o seu otimismo.

— O Governo está atacando com bazuca, metralhadora e canhão. Vale tudo para diminuir o déficit com urgência nas contas externas e avisar ao mundo que estamos agindo. Antes da crise era bem diferente. O Governo poderia atacar o problema com calma e esperar as eleições — diz.

Montesano frisa ainda que a

população não deve lamentar o freio brusco no consumo. Com a grave crise internacional, ele diz, o aperto dos cintos viria mais cedo ou mais tarde, seja através do pacote fiscal e monetário, seja pela volta da inflação:

— A situação estava insustentável. Ou o país adotava um pacote ou desvalorizava a moeda. Mas

essa opção faria os produtos importados encarecerem, levando junto os preços daqui — diz.

Carlos Thadeu concorda. Segundo ele, o Governo optou por desvalorizar a moeda através do aumento dos impostos.

— Quando o Governo eleva a taxa de embarque nos vôos internacionais de R\$ 18 para R\$ 90, no fundo está desvalorizando a moeda. O passageiro ficará com menos dinheiro para comprar e levar dólares para o exterior — explica Carlos Thadeu.

Com estoques em alta, não será preciso importar tanto

Mesmo os brasileiros que não viajam ajudarão a reduzir o déficit. Isso porque ao elevar os gastos com impostos e aumentar os juros, o Governo está promovendo um início de recessão, que será sentido por todo o comércio. Com os estoques em alta, não será preciso importar tanto, daí a melhora nas contas externas.

— É esse desaquecimento da economia que vai reduzir o déficit comercial. Se em 1997 ele ficará em cerca de R\$ 10 bilhões, para 1998 essa cifra pode cair à metade — aposta o ex-diretor do BC Carlos Langoni.

A projeção coincide com a do economista Estevão Kopschitz, da consultoria Macrométrica.

— Antes da crise, a nossa projeção era de que o déficit ficaria em R\$ 10 bilhões. Com os juros, mudamos o cálculo para R\$ 6 bilhões. Agora apostamos em R\$ 5 bilhões ou até menos — diz.